

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.14012019111-118>

## EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO EDUCATION AND EMANCIPATION

RESENHA [ADORNO, THEODOR W. EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO. 4ª ED.  
TRAD. WOLFGANG LEO MAAR. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 2006. 190 P.]

Elaine Conte\*

Lilian Soares Alves Branco\*\*

Deivid de Souza Soares\*\*\*

*Recebido em 05/02/2019. Aprovado em 28/05/2019.*

O livro *Educação e Emancipação* é uma obra póstuma, que contém quatro palestras proferidas por Adorno, a saber: O que significa elaborar o passado; A filosofia e os professores; Tabus acerca do magistério; Educação após Auschwitz. Também faz parte da obra o registro de quatro debates na rádio: Televisão e formação; Educação — para que?; A educação contra a barbárie; Educação e emancipação.

Theodor W. Adorno, nascido em 1903 e falecido em 1969, é um dos grandes pensadores da Escola de Frankfurt, junto com Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros. Em 1924 conclui seu doutorado pela Universidade de Frankfurt, tornando-se livre docente da instituição em 1931. Em 1934 emigra-se para Oxford, retornando em 1949 a residir em Frankfurt e retomou suas aulas de filosofia da Universidade. Assumiu o cargo de codiretor do Instituto de Pesquisas Sociais, que na época era um anexo da Universidade. O Instituto, conhecido como “Escola de Frankfurt”, foi o berço da “Teoria Crítica”, cuja proposta se opõe à teoria tradicional da sociedade, buscando uma reflexão sobre a vida social que é descartada inclusive no processo educacional ao simplesmente (re)produzir a cultura e a ordem social em vigor.

Em “À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa” apresentam-se as principais ideias do autor, bem como a discussão de que a educação sozinha não é um fator de emancipação, pois, antes é necessário estimular os sujeitos a pensar criticamente sobre a educação e a sociedade, para assim ser possível elaborar alternativas históricas.

---

\* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Atualmente é professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle - UNILASALLE/Canoas/RS. E-mail: [elaine.conte@unilasalle.edu.br](mailto:elaine.conte@unilasalle.edu.br)

\*\* Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade La Salle em Canoas/RS. E-mail: [lilian.sab@gmail.com](mailto:lilian.sab@gmail.com)

\*\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle - Canoas, pertencente à Linha de Pesquisa "Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação", bolsista CAPES/PROSUC.

A educação para Adorno é uma exigência política à emancipação de todos, pensando um presente como uma construção narrativa de múltiplos sentidos, de racionalidade e de ser autônomo, tornando possível interromper a barbárie inscrita no próprio princípio civilizatório traçado na história.

A educação já não diz respeito meramente à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. É preciso escapar das armadilhas de um enfoque "subjetivista" da subjetividade na sociedade capitalista burguesa. A "consciência" já não seria apreendida como constituída no plano das representações, sejam ideias oriundas da percepção ou da imaginação, ou da razão moral. A consciência já não seria "de", mas ela "é". Seria apreendida como sendo experiência objetiva na interação social e na relação com a natureza, ou seja, no âmbito do trabalho social. A verdade não seria condicionada subjetivamente, mas objetivamente. (ADORNO, 2006, p. 16).

O capítulo "O que significa elaborar o passado" inicia esclarecendo que esta frase se tornou um chavão, pois, essa elaboração necessitaria ser levada a sério, rompendo com o encantamento que esboça apenas obviedades. Essa parte do livro, critica o presente pela reelaboração e não apenas uma expressão da culpa estéril, conformada. Através da história da Alemanha e das relações estabelecidas com a sua trajetória, o filósofo tece uma crítica a esta ideia de esquecer o passado, ou compensá-lo retratando os conteúdos irracionais e conformistas apreendidos da sociedade e das mortes de Auschwitz.

O desejo de libertar-se do passado justifica-se: não é possível viver à sua sombra e o terror não tem fim quando culpa e violência precisam ser pagas com culpa e violência; e não se justifica porque o passado de que se quer escapar ainda permanece muito vivo. O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam. (ADORNO, 2006, p. 29)

Desse modo, é compreensível que exista o desejo de esquecer o passado, visto que este causa dor em quem sofreu a violência, bem como o sentimento de culpa que faz com que o agressor sofra. Esquecer o passado não é suficiente, pois, precisamos fazer frente às enganações do mundo e àquelas situações perigosas, que aconteceram no passado e interferem no presente, para que não se repitam. Em seu livro Adorno reforça a necessidade de um olhar retrospectivo no sentido de repensar criticamente e de forma comprometida e reflexiva a atualidade, visto que o passado será plenamente elaborado quando as causas do que passou forem eliminadas. No entanto, "O encantamento do passado pôde manter-se até hoje unicamente porque continuam existindo as suas causas". (ADORNO, 2006, p. 49). Assim, para entender a decadência da cultura e da educação na sociedade se faz necessário reelaborar as relações sociais que levaram às violências no passado e que continuam presentes em nosso cotidiano, pautando um sistema educacional inteiramente tomado pela aversão à agressividade física.

No capítulo "A filosofia e os professores", o autor analisa a prova geral de filosofia nas escolas de nível superior, nos concursos para docência em ciências no estado de Hassen, Alemanha, a fim de refletir sobre a mentalidade dos examinados. Motivado pelas inquietações surgidas a partir de sua experiência, o autor percebe a falta de compreensão

do sentido da prova, pois, para ele a filosofia é justificável quando se torna mais do que uma disciplina específica.

Em outros termos, a prova geral, na medida em que isto é possível para um exame, pretende avaliar se os candidatos conseguem ir além do seu aprendizado profissional estrito, na medida em que desenvolvem uma reflexão acerca de sua profissão, ou seja, pensam acerca do que fazem, e também refletem acerca de si mesmos. (ADORNO, 2006, p. 54).

Nesta perspectiva, a filosofia, em relação às ciências, buscava a autoconscientização viva do espírito, um potencial de resistência do pensamento, em que o indivíduo se opõe ao conhecimento pela dialética negativa do próprio conhecimento, incluindo as filosofias profissionais. Contudo, como Adorno salienta, muitas vezes pela própria mentalidade dos estudantes este concurso acaba por se transformar em uma avaliação profissional específica, sem a reconstrução de práticas e relações diferentes com os conhecimentos aprendidos.

A consciência dos candidatos em questão procura por toda parte encontrar proteção, normas, caminhos já consolidados; seja tentando se afirmar por vias já comprovadas, seja inclusive procurando normatizar o próprio curso do exame, evitam-se justamente aquelas perguntas que afinal constituem a motivação de todo o exame. Para resumir: depara-se com a consciência reificada ou coisificada. Mas esta, a inaptidão à existência e ao comportamento livre e autônomo em relação a qualquer assunto, constitui uma contradição evidente com tudo o que nos termos do exame pode ser pensado de modo racional e sem pathos como sendo a "verdadeira formação do espírito", o objetivo das escolas superiores. (ADORNO, 2006, p. 60).

Ainda neste capítulo o autor discute a importância da formação cultural, que por não existirem à disposição hábitos adequados, é adquirida através de estímulo criativo, esforço espontâneo e interesse. Salientando que o sujeito só se emancipa, ao libertar-se do imediatismo de relações para ele naturais, através de uma coragem e determinação, em busca de superar a concepção reificada do desenvolvimento histórico supostamente neutro. Finalizando a discussão sobre os professores e a filosofia, o autor ressalta não se conformar com a gravidade da situação, não sendo preciso entender um desespero convincente para convidar o outro a falar, a reagir e a refletir acerca dos preconceitos, o que permite revisar problemáticas ocultas ou esquecidas nas práticas.

O capítulo "Televisão e formação" lança um debate na Rádio de Hessen entre Becker e Adorno, mediado por Kadelbach, sobre a formação dos adultos e a televisão, e como isso afeta as Escolas Superiores de Ensino Popular. Adorno destaca que esta formação desenvolvida pela televisão possui um duplo sentido. Por um lado, cultural com fins pedagógicos na televisão educativa, nas escolas televisivas e nas atividades investigativas semelhantes e, por outro, de função deformativa, reificada ou semiformativa com relação à consciência das pessoas.

Em primeiro lugar, compreendo "televisão como ideologia" simplesmente como o que pode ser verificado, sobretudo nas representações televisivas norte-americanas, cuja influência entre nós é grande, ou seja, a tentativa de incutir nas pessoas uma falsa consciência e um ocultamento da realidade, além de, como se costuma dizer tão bem, procurar-se impor às

peças um conjunto de valores como se fossem dogmaticamente positivos, enquanto a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problematicamente conceitos como estes que são assumidos meramente em sua positividade, possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito. Além disto, contudo, existe ainda um caráter ideológico-formal da televisão, ou seja, desenvolve-se uma espécie de vício televisivo em que por fim a televisão, como também outros veículos de comunicação de massa, converte-se pela sua simples existência no único conteúdo da consciência, desviando as pessoas por meio da fatura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua prioridade. (ADORNO, 2006, p. 80).

Segundo Adorno, a televisão contribui para divulgar ideologias e dirigir de maneira equivocada a consciência de quem assiste, conformando as concepções coletivas. Ao finalizar o debate Adorno apresenta a necessidade de se pensar na tarefa dos veículos de comunicação de massa de produzir conteúdos adequados, evidenciando a possibilidade de uma visão crítica da emergência destes meios.

No capítulo “Tabus acerca do magistério”, é investigada a questão da representação inconsciente ou pré-consciente a respeito do magistério, a negação do título de “professor” àqueles de segundo grau (hoje chamados na Alemanha de “conselheiro de estudos”). O autor relaciona a figura do docente a um serviçal, tendo o professor universitário maior prestígio. É preciso recuperar as potências intelectuais, criativas, críticas e sociais da profissão em prol da melhoria dos processos de ensino e de aprendizagem perpetuados na tradição, pois,

Movidos por rancor, os analfabetos consideram como sendo inferiores todas as pessoas estudadas que se apresentam dotadas de alguma autoridade, desde que não sejam providas de alta posição social ou do exercício de poder, como acontece no, caso do alto clero. O professor é o herdeiro do monge; depois que este perde a maior parte de suas funções, o ódio ou a ambiguidade que caracterizava o ofício do monge é transferido para o professor. (ADORNO, 2006, p.102).

Para superar práticas de professores, enraizadas em problemas formativos históricos com relação ao trabalho pedagógico, são necessárias novas motivações para não recair em maniqueísmos que tornam o trabalho automatizado, fragilizado, pedagogizado. Estas ações dão a impressão de professor carrasco às crianças, “responsável por castigos”, conferindo uma ilusão de autoritarismo escolar, de poder homogeneizador e de dogmatismo em relação ao conhecimento. Para Adorno (2006, p. 107), “este imaginário é exitoso em firmar a crença de que o professor não é um senhor, mas um fraco que castiga ou um monge sem cargo, isto pode ser comprovado de maneira drástica no plano erótico”.

O autor destaca a existência de um menosprezo pelo magistério, por mover-se no ambiente infantil de descaso à educação de crianças e por tentar substituir a realidade pelo mundo ilusório e abstraído de contexto vital. Microcosmo escolar que isola os alunos da sociedade e dos adultos, o que nutre uma educação massiva e passível de injustiças.

A solução, se posso dizer assim, pode provir apenas de uma mudança no comportamento dos professores. Eles não devem sufocar suas reações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando desta forma os alunos. Provavelmente um professor que diz: “sim, eu sou injusto,

eu sou uma pessoa como vocês, a quem algo agrada e algo desagrada" será mais convincente do que um outro apoiado ideologicamente na justiça, mas que acaba inevitavelmente cometendo injustiças reprimidas. (ADORNO, 2006, p. 113).

Adorno evidencia uma preocupação com a discrepância existente no magistério, mas não em relação à constituição e à realidade da docência, mas ao que ocorre na instituição e na transformação da sociedade quanto à escola. Neste território conturbado em que vivemos existe a esperança de uma efetiva democracia para que esta mudança ocorra, mas não pelo aniquilamento da presença viva, sem a superação de tabus que se assemelham aos retrocessos do passado objetivado.

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade à barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. (ADORNO, 2006, p. 116).

A barbárie ronda a nossa existência e a desbarbarização surge como uma questão de sobrevivência da educação. Recuperar o sentido educativo e sensível da vida consiste em trabalhar para a superação de conteúdos irracionais, duros, frios, adaptativos e conformistas apreendidos, libertando os sujeitos dos tabus e das opressões existentes que acabam contribuindo para a reprodução de violações (des)humanas. Cabe destacar que enquanto existirem e persistirem tais condições que levam à regressão, sem um trabalho pedagógico para evitá-la, a barbárie continuará presente como um processo desumanizante. Esse tema é tratado no capítulo “Educação após Auschwitz”, pois, o autor o considera como algo que apavora, e que trará consequências destrutivas e avassaladoras caso não seja discutido nos ambientes formativos. Somente a educação pode mudar isso, promovendo o esclarecimento, através de uma tomada de consciência e de decisão crítico-reflexiva.

Culpados são unicamente os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva. É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica. (ADORNO, 2006, p. 120-121).

Assim, quando falamos de educação precisamos pensar desde a infantil, pois, é um trabalho permanente de formação de identidades e personalidades. As diferenças e as complexidades do ensino exigem um esclarecimento geral para auxiliarem na construção de um convívio cultural e social, oferecendo novas alternativas para que os comportamentos violentos não se repitam, nem na escola nem fora dela. A educação deve provocar questionamentos e desafiando as certezas de uma razão instrumental, tornando os sujeitos mais conscientes, sensíveis e humanos, em relação ao sofrimento do outro. A aprendizagem não pode ser marcada por um ambiente manipulador e de medo ordenado, frieza, insegurança e desconfiança do acesso ao conhecimento, o outro e o mundo,

influenciados por falsas crenças de superioridade e inferioridade, afinal, temos experiências diferentes.

O que outrora era exemplificado apenas por alguns monstros nazistas pode ser constatado hoje a partir de casos numerosos, como delinquentes juvenis, líderes de quadrilhas e tipos semelhantes, diariamente presentes no noticiário. Se fosse obrigado a resumir em uma fórmula esse tipo de caráter manipulador — o que talvez seja equivocadamente útil à compreensão — eu o denominaria de o tipo da consciência coisificada. (ADORNO, 2006, p.129).

A educação precisa ser repensada para não cometer os mesmos erros do passado, além de estimular a autonomia e a interdependência comunicativa como a possibilidade de ir além de um instrumento de controle. O ensino deve ser dirigido à repressão que culminou no fortalecimento da barbárie, o qual simplesmente adapta sem gerar novas ideias ou formas de aprender. No capítulo “Educação – pra quê?”, Adorno destaca que o objetivo da educação não deve ser moldar os indivíduos a um padrão determinado, de tomada de decisão autonomizada na técnica como um instrumento de manipulação sem reflexão. Os debates revelam que a educação precisa incentivar a busca por novas relações que resistam aos argumentos superficiais e centrados em modelos, para o desenvolvimento de consciência verdadeira, como um caminho para a emancipação dos processos de aprendizagem e de ações pedagógicas.

Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. (ADORNO, 2006, p. 141).

Essa consciência fortalece a resistência e a contradição do que é a adaptação ao mundo, conduzindo à superação da alienação para que os homens possam se libertar dessa modelagem imposta socialmente. Os efeitos das contradições podem orientar novas formas de enfrentar o mundo, para além da produção de pessoas ajustadas e uniformizadas ao sistema ditado pela ideologia dominante. A educação é o caminho para a emancipação das ilusões fabricadas no enriquecimento sem esforço, valorizando os princípios individuais e sociais retroalimentados numa construção dialética, a partir da conscientização e de uma racionalidade aprendente, construída por um sujeito inacabado e de múltiplas influências.

Os dois últimos capítulos “A educação contra a barbárie” e “Educação e emancipação” retomam a questão da educação de uma maneira que nos faz repensar nossa postura, nossa consciência verdadeira diante do mundo e refletir sobre como somos formados. Até que ponto estamos formando e o que esperamos desse sujeito em construção? Qual o papel do ensino na sociedade e o que nos instiga a querer mudá-la não dando espaço para o fortalecimento da barbárie, mas abertura à discussão, não omitindo os problemas reais da educação, por mais seduzidos tecnologicamente que nos encontramos?

Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização dó mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização [...], também por se encontrarem tomadas por uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta, um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que eu reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade. (ADORNO, 2006, p. 154).

Desta forma, educar contra a barbárie é decisivo para a humanização das relações, o que nos leva a pensar, com Adorno, a Educação Infantil como o primeiro espaço para a interação e a construção da percepção, cognição e pensamento. Consequentemente, o ser criativo e conhecedor pode ser expandido, valorizado e reconhecido desde quando pensamos espontaneamente, pois, como diz Adorno (2006, p. 147), “penso ser necessário que, desde o início, na primeira educação infantil, o processo de conscientização se desenvolva paralelamente ao processo de promoção da espontaneidade”. No entanto, não existe uma fórmula mágica para o seu desenvolvimento, mas depende de um conjunto de práticas pedagógicas que possam contemplar uma conscientização, livre da opressão, coerção e repressão.

A educação ajuda no reconhecimento das transformações sociais, para a libertação do homem na medida em que contribui para a formação de uma consciência crítica e reflexiva, uma educação para a contradição e resistência, muitas vezes justificada pela autoridade que leva à barbárie. “Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o mundus vult decipi em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado” (ADORNO, 2006, p. 183). Portanto, é preciso preparar o indivíduo para se orientar no mundo, a partir da superação desta alienação coletiva, contribuindo para uma formação que valorize e respeite as diferenças e os potenciais não apenas materiais mas sensíveis dos processos inacabados de ensino e de aprendizagem, em busca de sua emancipação. Entretanto, deve avaliar as tensões entre a adaptação, as evidências de fracassos escolares e as resistências existentes na sociedade.

A leitura e a análise desta obra nos instigam a refletir sobre como a barbárie se faz presente no nosso contexto social, o quanto precisamos evoluir e trabalhar para uma comunicação mais aberta, franca e viva que guie a prática de ensino. Só assim poderemos nos libertar dos tabus e pressões ainda existentes, porém, destacamos que a educação não é a única solução, mas uma delas, e traz marcas de sua imortalidade na tradição, por isso, ela contribui para a construção crítico-reflexiva, transformadora ou deseducadora do sujeito. Vemos que falar de educação para Adorno se faz necessário por convivermos em uma sociedade em constante (de)formação, na qual não podemos contribuir para alienação e sim trabalharmos para o esclarecimento da coletividade com senso de humanização.

Esta obra se faz necessária para qualificar a educação voltada à autocrítica, que promova o desenvolvimento de uma consciência verdadeira em busca por esclarecimento, não influenciada e banalizada pelos falsos valores e ideologias ditadas pela cultura massificada da semiformação. O despertar desta autonomia é um desafio, nesse cenário de dominação da indústria cultural, em que tudo que é vendido e consumido passa a ser

modelo de normalidade. É hora de reconstruir a racionalidade da ação pedagógica ou retroceder e cruzar os braços com essa falsa ilusão de adaptação e comodidade que torna as relações fragmentadas e guiadas pela ideologia dominante da competição e da concorrência. Uma reorientação no mundo exige o desenvolvimento de uma educação humanizada, que não promova o sofrimento do outro, o autoritarismo, a violência e a barbárie. Conforme Adorno precisamos de uma educação que nos mostre e oriente a problematizar uma sociedade, os tabus e as opressões capitalistas que inviabilizam a resistência social e a autorreflexão crítica.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.